

SÉRIE
EXTENSÃO

Observatório de Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Maria

identidades,
trajetórias e
perspectivas

Organizadores
Victor De Carli Lopes
Flavi Ferreira Lisboa Filho

Victor De Carli Lopes
Flavi Ferreira Lisboa Filho (orgs.)

**OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**
identidades, trajetórias e perspectivas

1.^a Edição

Santa Maria
Pró-Reitoria de Extensão | PRE
2022

O14 Observatório de direitos humanos da Universidade Federal de Santa Maria [recurso eletrônico] : identidades, trajetórias e perspectivas / Victor de Carli Lopes, Flavi Ferreira Lisboa Filho (orgs.). – Santa Maria, RS : UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2022.
1 e-book : il. – (Série Extensão)

ISBN 978-85-67104-69-0

1. Direitos humanos 2. Igualdade 3. Extensão 4. Identidade I. Lopes, Victor de Carli II. Lisboa Filho, Flavi Ferreira

CDU 342.7(066)

EXPEDIENTE

Reitor

Luciano Schuch

Vice-Reitora

Martha Bohrer Adaime

Pró-Reitor de Extensão

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Pró-Reitora de Extensão Substituta Cultura e Arte

Vera Lucia Portinho Vianna

Articulação e Fomento à Extensão

Rudiney Soares Pereira

Desenvolvimento Regional e Cidadania

Jaciele Carine Sell

Observatório de Direitos Humanos

Victor De Carli Lopes

Subdivisão de Divulgação e Eventos

Aline Berneira Saldanha

Revisão Textual

Camila Steinhorst

Erica Duarte Medeiros

Projeto Gráfico e Diagramação

Vitor Bitencourt

CONSELHO EDITORIAL

Profª. Adriana dos Santos Marmori Lima

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profª. Olgamir Amancia Ferreira

Universidade de Brasília - UnB

Profª. Lucilene Maria de Sousa

Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof. José Pereira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Profª. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Prof. Olney Vieira da Motta

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

Prof. Leonardo José Steil

Universidade Federal do ABC - UFABC

Profª. Simone Cristina Castanho Sabaini de Melo

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Profª. Tatiana Ribeiro Velloso

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof. Odair França de Carvalho

Universidade de Pernambuco - UPE

Sumário

PARTE I

- 12 PROJETO ESPERANÇANDO E O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES VOLTADAS A ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL EM SANTA MARIA**
Alice Lameira Farias, Raquel Bevilaqua, Stéfany dos Santos do Amaral, Ana Luiza Lopes Koech, Daniela Porto Giacomelli, Luciana Davi Traverso, Elisete Kronbauer, Karine Almeida Pacheco
- 28 APOIO PEDAGÓGICO E AULAS EXTRACURRICULARES – CIÊNCIAS EXATAS PARA DISCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**
Gustavo Lenhardt Steffen, César Teixeira Pacheco, Ana Luisa Soubhia
- 40 O CINE DIREITOS HUMANOS NA FORMAÇÃO DO INTERNACIONALISTA CRÍTICO-SENSÍVEL: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADES DE NEGOCIAÇÃO ENTRE ESTRUTURA E AGÊNCIA**
Ademar Pozzatti
- 54 CINEGRAFANDO TRAJETOS E AÇÕES EM DIREITOS HUMANOS: A PARTILHA DE SABERES E IMAGINÁRIOS NA LINGUAGEM AUDIOVISUAL**
Valeska Maria Fortes de Oliveira, Sabrina Copetti da Costa, Jéssica Dalcin da Silva, Tania Micheline Miorando
- 64 PROJETO “AÇÕES DO NÚCLEO DE IMPLEMENTAÇÃO DA EXCELÊNCIA ESPORTIVA E MANUTENÇÃO DA SAÚDE” JUNTO AO OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS**
Luiz Fernando Cuzzo Lemos, Igor Martins Barbosa, Samuel Klippel Prusch, Aline Pacheco Posser
- 83 ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE DE MÃES ADOTIVAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE AÇÃO EXTENSIONISTA**
Catiane da Silva Marques, Suane Pastoriza Faraj, Aline Cardoso Siqueira
- 96 A GARANTIA DE DIREITOS HUMANOS NO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO: UMA HISTÓRIA DE POESIAS, SONHOS, RESISTÊNCIAS E INVESTIMENTOS COLETIVOS**
Renata dos Santos da Costa, Felipe Bueno da Silva, Marília de Araújo Barcellos, Sara Peres Dornelles Almeida, Juliana da Rosa Marinho, Jana Gonçalves Zappe

- 111 INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE: ESTABELECEndo LAÇOS ENTRE SOCIOEDUCAÇÃO E UNIVERSIDADE PARA PROMOVER INCLUSÃO SOCIAL**
André Morgental Weber, Sara Peres Dornelles Almeida, Juliana da Rosa Marinho
Renata dos Santos da Costa, Luana da Costa Izolan, Jana Gonçalves Zappe
- 126 ESCOLA E SOCIOEDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: DESAFIOS E POTENCIALIDADES EM UM GRUPO COM PROFESSORES**
Dorian Mônica Arpini, Joana Missio
- 137 ESCapando do ECA: no bom sentido**
José Luiz de Moura Filh, Dione Raquel Zoch Viñas
- 151 CORREDORES CULTURAIS**
José Luiz de Moura Filho, Gabriel de Oliveira Soares
- 168 MEDITAÇÃO NO CUIDADO A ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE**
Marcio Rossato Badke, Gabriel Lautenschleger, Elisa Vanessa Heisler, Raquel Mortari,
Pamella Giovanella Scalcon Keller, Jana Rossato Gonçalves
- PARTE II**
- 181 PROJETO “DNA AFETIVO *KAMÊ* E *KANHRU*” NO CONTEXTO DA ARTE COLABORATIVA COM COMUNIDADE INDÍGENA *KAINGÁNG***
Andreia Machado Oliveira, Kalinka Lorenci Mallmann, Eliseu Balduino
- 191 DANÇAR A *MISSA DA TERRA SEM MALES*: UM FAZER-DIZER DO CORPO QUE PRONUNCIA O MUNDO**
Odailso Berté, Crystian Castro, Mônica Correa de Borba Barboza
- 205 RECUPERANDO NASCENTES E SABERES TRADICIONAIS: ESTUDO DE CASO NA TERRA INDÍGENA DO GUARITA**
Suzane B. Marcuzzo, Kessia Abich Rodrigues, Andre Luis Soares,
Alexssandro de Freitas de Moraes, Lucas Gavioli Ganciné
- 218 DIREITOS DAS PESSOAS INDÍGENAS: PLURALIDADE LINGUÍSTICA E ACESSO À JUSTIÇA**
Vitor Jochims Schneider, Jafé Emanuel Chaves Ribeiro
Gilnei Candinho, Rodrigo Mariano
- 231 COMUNICAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E PROTAGONISMO DOS REFUGIADOS POR MEIO DO DOCUMENTÁRIO “5.000KM: UMA JORNADA DE ESPERANÇA”**
Anna Julia Carlos, Bruna Bonadeo, Gabriel Masarro de Araujo, Rafael Foletto
- 241 INTERFACES TEÓRICO-PRÁTICAS DO MIGRAIDH E CÁTEDRA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO DA UFSM PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS**
Giuliana Redin, Amanda Schreiner Pereira, Maria Clara Mocellin,
Maria Catarina Chitolina Zanini, Liliane Dutra Brignol, Eliana Rosa Sturza

- 257** **UFSM NAS RUAS: ITINERÁRIOS DE AÇÕES EXTENSIONISTAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM SANTA MARIA/RS**
Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel, Josiane Bertoldo Piovesan,
Mariana Mozzaquatro
- 268** **POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: RELATOS DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA/RS**
Annie Caroline Ebani Jacques, Maria Ramires Conrado
- 278** **MÃES, CRIANÇAS E A QUESTÃO PRISIONAL: REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DO PROJETO INSPIRA**
Graziela Escandiel de Lima, Marcia Eliane Leindcker da Paixão, Jéssica Pereira Righi
- 295** **REFLEXÕES SOBRE O PROJETO DIREITO E GÊNERO: ANÁLISE DE UM ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO TEÓRICA SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO E SUAS RELAÇÕES COM O DIREITO**
Andrea Nárriman Cezne, Ingrid Schmidt Visentini
- 307** **AÇÕES DE ENFRENTAMENTO DA VULNERABILIDADE SOCIAL: TRABALHO E RENDA PARA AS MULHERES DA VILA MARINGÁ/RS**
Talita Gonçalves Posser, Bruna de Vargas Bianchim, Paula Balardín Ribeiro Aragão,
Pedro Henrique Silva dos Santos, Vânia Medianeira Flores Costa
- 316** **TRABALHO E VIDA DIGNA: AÇÕES COM AS MULHERES RECICLADORAS E CATADORAS DE LIXO (DESCARTE) NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA/RS**
Sirlei Glasenapp, Solange Regina Marin,
Fernando da Rocha Bellé, Mariana Mozzaquatro
- 327** **LGBTCHÊ: FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS EM GÊNERO E SEXUALIDADE**
Gustavo de Oliveira Duarte, Felipe Barroso de Castro, Aline de Souza Caramê,
Thaiane Bonaldo do Nascimento, Felipe Machado
- 341** **O PROGRAMA DE EXTENSÃO GIDH: GÊNERO, INTERSECCIONALIDADE E DIREITOS HUMANOS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA**
Gabriela Schneider, Mariana Selister Gomes, Núncia Guimarães Escobar
- 356** **OFICINAS DE TEATRO PARA PESSOAS COM E SEM DEFICIÊNCIA: PRÁTICAS E PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO EM BUSCA DA AMPLIAÇÃO DA ACESSIBILIDADE ÀS ARTES CÊNICAS**
Marcia Berselli, Vanessa Corso Bressan, Flavia Grützmacher dos Santos
- 372** **UM MEMORIAL EM HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA DA BOATE KISS**
Virgínia Vecchioli, Laura Lucca



UM MEMORIAL EM HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA DA BOATE KISS

Virgínia Vecchioli
Laura Lucca

INTRODUÇÃO

Este capítulo busca compartilhar as atividades desenvolvidas no marco do projeto de extensão *Arte e Memória em Santa Maria: em prol da criação de um memorial em homenagem às vítimas da tragédia da Boate Kiss*, sediado na Pró-reitora de Extensão e no ODH/UFSM no ano de 2019. O projeto almejou propor diversas estratégias que possibilitem preservar as memórias da tragédia que provocou a morte das 242 pessoas na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria, RS.

Com esse objetivo, foram desenvolvidas várias atividades que visaram produzir repertórios de intervenção voltados especificamente para a construção de uma narrativa que pudesse comunicar a tragédia ao público visitante do futuro memorial às vítimas que será construído no centro da cidade. Esse memorial é visto como um espaço de homenagem permanente às vítimas, de acolhimento de sobreviventes e familiares, assim como um local de referência sobre a tragédia para às futuras gerações. As intervenções realizadas pela equipe do projeto – que serão descritas neste capítulo – tiveram como propósito colaborar para criar uma narrativa pública que sirva para transmitir os fatos que envolvem dor, sofrimento, falta de justiça e descaso, além de transmitir a importância de realizar ações de prevenção e preservação da vida.

O projeto surgiu de uma demanda apresentada pela própria Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) à professora Virginia Vecchioli da UFSM. Em resposta, foi articulada uma equipe envolvendo especialistas do Programa Memória Social e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), coordenado por Virginia Vecchioli, Juliane Serres e Maria Leticia Mazzucchi. A equipe integrou bolsistas e estudantes voluntários de ambas as instituições⁶¹ e um comitê científico internacional de assessoria integrado por especialistas de renome como: Joel Candau (França), Luís Carlos Toro Tamayo (Colômbia), Ruben Chababo, (Argentina), o Núcleo de Estudos sobre Memória (Argentina) e os colegas do Brasil Marcio Seligmann-Silva (Campinas), Francisco Cougo (UFSM) o jornalista Marcelo Canellas e Felipe Zene Motta, o arquiteto responsável pelo desenho do proposta arquitetônica do futuro memorial. Desarte, o projeto contemplou os eixos do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão através de ações desenvolvidas por uma equipe de profissionais da UFSM, em parceria com a própria AVTSM, outras universidades e institutos de pesquisa do Brasil e do exterior que seguem orientando o desenvolvimento do espaço museológico do futuro memorial.

O objetivo deste capítulo é produzir um texto compreensível sobre patrimônio e direitos humanos, em busca de transcender as fronteiras dos textos eruditos produzidos para um número restrito de leitores com o intuito de colocar as ações desenvolvidas nas universidades públicas em diálogo com a sociedade. Partindo da ideia que a memória precisa ser ativada para ela existir, consideramos que a Universidade tem muito para contribuir nesse caminho. Interessa-nos, portanto, disponibilizar essas experiências para que outros possam

61 Danilo Rangel (Museologia – UFPEL), Rafael Nascimento (Computação – UFPEL), Leonardo Monteiro Alves (Museologia – UFPEL) e Lucas Back de Araújo e Laura Perin Lucca (Ciências Sociais – UFSM).

replicá-las, contribuindo com novas iniciativas e com esforços coletivos de preservar a memória da tragédia⁶² para as futuras gerações.

OS PERIGOS DO ESQUECIMENTO

Tragédias envolvendo a perda de grande número de vidas geram fortes sentimentos de comunhão com os sobreviventes e de empatia com a dor dos familiares que sofreram perdas irreparáveis. Esses sentimentos mobilizam as comunidades que, como resultado, mantêm viva a lembrança do acontecido no espaço público. Muitas das vezes, elas suscitam também fortes sentimentos de indignação moral perante o absurdo da perda de vidas, o descaso dos poderes públicos e o privilégio do lucro em relação ao bem-estar de toda uma comunidade.

Porém, passado um tempo, a vida regressa as suas rotinas e a memória do acontecido vai se perdendo aos poucos. A tragédia corre o risco de acabar sendo esquecida pelos contemporâneos e, inclusive, ela pode acabar sendo desconhecida pelas novas gerações. Muitas das vezes, os diretamente afetados pela tragédia estão apinhados de demandas e precisam dar prioridade à luta por justiça para evitar que o crime se mantenha impune. Outras forças, que não o simples passar do tempo, contribuem também para produzir esquecimento. O silêncio pode acabar se impondo como forma de desviar as responsabilidades daqueles que encontram na lembrança da tragédia uma face na qual não querem se reconhecer.

Como consequência, o trabalho em prol da memória vai perdendo fôlego, e o esquecimento pode acabar se impondo na vida coletiva, acarretando, por sua vez, uma grande incompreensão da situação de todos aqueles que estão diretamente atravessados pelo luto e pelo sofrimento. Esse olvidar cria a oportunidade para o exercício de uma nova forma de violência, desta vez simbólica, para com as vítimas e seus familiares. Vítimas, sobreviventes e familiares das vítimas precisam levar em frente uma outra luta contra a incompreensão, o preconceito, o silêncio e, quando não, a impunidade. O risco da tragédia se repetir é o maior perigo. Essa ameaça explica a necessidade de preservar a memória da tragédia e reverter o sofrimento em um conjunto de aprendizados para o futuro de forma que a tragédia não se repita, levando a diante ações de preservação da vida que reconhecem o valor pleno da vida de cada um de nós, assim como reconhecem o valor do movimento dos familiares que se mobilizam exigindo justiça e colocando em pauta questões caras à defesa dos direitos humanos e para a nossa vida coletiva.

As feridas da violência simbólica empregada pelo Estado na demora em levar justiça às vítimas, e a da sociedade mais ampla, na forma de desmobilização e dessensibilização com

62 Expressamos nosso agradecimento à UFSM, em especial ao Pró-Reitor de Extensão Flavi Ferreira Lisboa, ao Observatório de Direitos Humanos, coordenado por Victor De Carli Lopes e ao diretor do CCSH Mauri Leodir Löbler pelo apoio permanente a esta iniciativa, possibilitando contar com recursos e bolsistas. Agradecemos também a todos os colegas que se somaram ao projeto, em especial à Leticia Mazzucchi e Juliane Serres. E por último, nosso maior agradecimento é para os familiares da AVTSM que nos acolheram com grande disponibilidade e generosidade, nos permitindo conhecer e compartilhar a coragem e inteireza para levar a frente suas lutas.

a tragédia da Boate Kiss se fizeram presentes ao longo dos diversos espaços de conversa sobre o memorial. É doloroso perceber que, para quem não revive a dor da perda cotidianamente, esse tema vai perdendo importância, como fica claro na fala da mãe de uma das vítimas da tragédia da Boate Kiss:

no início as pessoas se envolveram muito e depois começou a haver o afastamento, eu acho que isso é assim uma coisa natural da passagem do tempo, é uma coisa natural da vida. As pessoas não ficam estagnadas, elas vão continuar caminhando, então esses afastamentos se dão por motivo que a pessoa talvez até gostaria de ficar sempre ali, mas não dá, não dá, a vida te empurra, tu tens tuas coisas pra fazer, outras... enfim, é a própria caminhada do mundo.⁶³

Certamente, a memória permanece entre os familiares e amigos diretos que vivem em contato com o luto. No marco deste projeto e a partir do convívio com muitos dos familiares, aprendemos que eles revivem as lembranças dos entes queridos cotidianamente através de formas múltiplas: “Final de semana achei um vídeo dela, da formatura do segundo grau [...] nem me lembrava desse vídeo, foi a coisa mais maravilhosa do mundo tu ouvir ela falando...ouvir a voz dela”⁶⁴.

Por sua vez, o trabalho da AVTSM em prol da memória é incessante. A Associação contribui em forma decisiva à manutenção ativa da memória no espaço público, seja por meio de encontros semanais na Tenda da Vigília, localizada na frente da praça central, seja através das cerimônias de homenagem às vítimas a cada 27 de janeiro, aniversário da tragédia. Essas ações funcionam também como ocasiões para reivindicar a luta pela justiça e o fim da impunidade.

Contudo, o processo de gradual esquecimento se verifica aqui, como em outras tragédias. As exigências do trabalho da memória ultrapassam as forças das famílias e da própria Associação. Como a experiência histórica mostra, a importância de um acontecimento na sua época e nas décadas seguintes não oferece garantia nenhuma de que esse evento seja lembrado no futuro. Perante essas condições que contribuem para o desvanecer, faz-se evidente a necessidade de garantir um trabalho continuado no tempo em prol da memória – não ocasional – que consiga ter um suporte institucional, indo além da vocação e da boa vontade de um grupo de pessoas, de forma a envolver também as futuras gerações no dever de memória.

A MEMÓRIA PÚBLICA COMO COMPROMISSO COLETIVO

Levando em consideração os aspectos mencionados nas seções anteriores, é preciso ressaltar que a memória precisa ser ativada para acontecer. Como assinala o historiador Pierre Nora, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que *não existe memória*

63 Familiar 1. Fala produzida no contexto do projeto, em 2019. Neste capítulo os familiares participantes dos espaços de conversas fechadas do projeto serão mantidos no anonimato para fins de preservação.

64 Familiar 2. Fala produzida no contexto do projeto, em 2019.

espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...], porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993. p. 13. grifos nossos).

A memória vence o esquecimento quando se articula em um trabalho coletivo. Quando uma multiplicidade de atores e instituições da comunidade assume isso como uma causa comum e traduzem a lembrança, a dor e o sofrimento em ações concretas, ou seja, quando eles se tornam “empreendedores de memória” (POLLACK, 2006). Ela não surge de maneira espontânea, pois a memória pública é um produto do esforço coletivo, um esforço orientado ao dever de resgatar a dignidade das vítimas que tiveram as suas vidas e seus sonhos ceifados, bem como um esforço orientado ao dever de tentar reparar a dor de sobreviventes e familiares, resgatando seu sofrimento para que eles adquiram um lugar de reconhecimento na vida pública.

Os familiares que compõem a AVTSM sabem do caráter coletivo da memória e do seu valor ao futuro. Nas suas falas, é tocante a preocupação em evitar que outras famílias passem pela dor que eles experienciam até hoje:

Acontece todo dia, a minha preocupação e do pessoal aqui é evitar novas tragédias. Que a justiça seja feita pelos nossos filhos e evitar que volte acontecer. Sei que 100% é impossível, mas a gente tem que lutar pra que não aconteça de novo. E a gente está fazendo⁶⁵.

Os familiares compreendem a necessidade de contar suas histórias para que a memória da tragédia não se perca. Assumem para si o dever de memória, o compromisso não só de manter viva a memória de seus entes queridos perdidos na tragédia, mas de evitar que outras pessoas passem por isso. Na perspectiva das mães e dos pais da Associação, a memória claramente se associa à possibilidade de construir um futuro melhor: “...se precisam de ações preventivas, porque esses que não participaram de nada [da tragédia] saberem, poxa temos filhos, netos e se não prestar atenção nisso pode acontecer de novo”⁶⁶. A memória pública precisa de uma ação decidida e mantida ao longo do tempo para que ela alcance a comunidade toda. Ao encontro disso, o projeto visou a dar os primeiros passos nessa direção, atingindo resultados importantes que serão detalhados aqui.

MEMORIAIS: CONJURO CONTRA O ESQUECIMENTO

Os memoriais se apresentam como espaços que permitem reviver e reconstruir o passado para que esse seja lembrado no presente e no futuro (HALBWACHS, 1990). São espaços fundamentais para evitar seu apagamento, já que a memória coletiva precisa, para perdurar, de um ponto de apoio permanente no espaço físico. Seria impossível resguardar o passado, se ele não se conservasse no meio material que nos cerca, naqueles espaços que ocupamos ou pelos quais passamos pela frente nos nossos deslocamentos cotidianos. Como nos ensina Halbwachs (1990), os espaços associados ao

65 Familiar 3. Fala produzida no contexto do projeto, em 2019.

66 Familiar 4. Fala produzida no contexto do projeto, em 2019.

sofrimento devem virar lugares de memória para que a lembrança da tragédia possa se fixar (HALBWACHS, 1990).

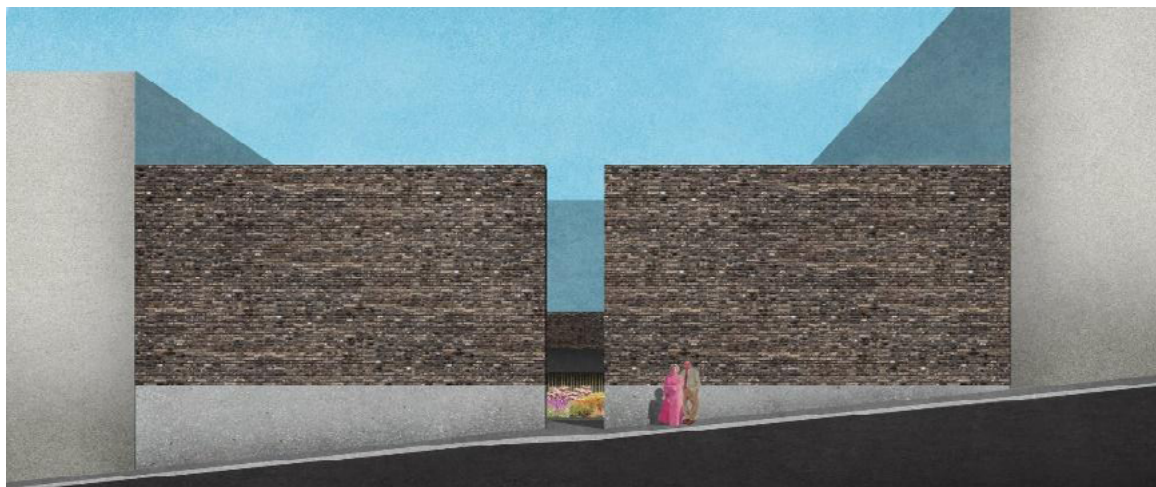
O memorial físico ressignifica esse espaço de tragédia, ou seja, atribui ao espaço físico novas possibilidades, a saber: conta sobre a dor dos sobreviventes, familiares e das vítimas, manifesta o luto e adverte sobre a necessidade de preservar a vida por meio de mudanças sociais e ações coletivas. A memória edificada é uma forma de reparação simbólica não só da violência sofrida na tragédia, mas das violências subsequentes, os silenciamentos, os apagamentos, os estigmas e as perseguições. Ela possibilita que os pais, familiares e amigos tenham a chance de contar a todos a tragédia, as histórias dos seus entes queridos e de tudo que aconteceu desde então. A lembrança dessas dores compartilhadas coletivamente serve como medida de reparação simbólica aos atingidos diretamente por uma tragédia e atua também como conscientização e lembrete constante para que tragédias como essa não se repitam (SCHMITZ, 2021). A partir dos memoriais, a experiência vivida por um segmento da sociedade passa a ser compartilhada por uma maioria que não viveu diretamente essa experiência (NORA, 1993).

Os passados de sofrimento acabam deixando marcas no espaço urbano que podem ser incorporadas ao trabalho coletivo de memória (VECCHIOLI, 2014). Os lugares associados a tragédias podem virar lugares de homenagem, lugares de congregação da comunidade, lugares onde se ensine a preservar a vida. O que requer um trabalho coletivo entre familiares, sobreviventes e profissionais de diversas áreas como arquitetos, especialistas em patrimônio, cientistas sociais, comunicadores, artistas, etc.

UM MEMORIAL ÀS VÍTIMAS DA BOATE KISS

A iniciativa do memorial surgiu da AVTSM que, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS), da Prefeitura de Santa Maria e do Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos (UNOPS - ONU) realizou um concurso nacional de projetos em 2018. O concurso foi levado à frente através de um grande esforço coletivo de arrecadação de recursos. O projeto do arquiteto Felipe Zena Motta foi escolhido como ganhador. De acordo com os desejos da AVTSM, a estrutura da boate será totalmente destruída – uma vez que os responsáveis pela tragédia sejam julgados – para abrigar o futuro memorial, no mesmo local onde aconteceu a tragédia, na Rua das Andradas n.º 1925. Por sua vez, a Associação conseguiu a transferência do prédio da boate para a prefeitura, garantindo, assim, a disponibilidade do sítio para o futuro memorial físico.

FIGURA 1 – PROPOSTA VENCEDORA DO CONCURSO. ARQ. FELIPE ZENA MOTTA



FONTE: DIVULGAÇÃO/IAB RS (2018).

Contando já com o prédio e com o projeto arquitetônico definido, era preciso definir outro conjunto de questões tão importantes quanto as anteriores: Como narrar a tragédia para o visitante do futuro memorial? Através de quais recursos? Como utilizar os diferentes espaços disponíveis dentro do memorial físico? Que tipo de atividades ele poderia sediar? Como atingir distintos tipos de público? Qual seria o modelo de gestão? Como transcender as fronteiras físicas da cidade e atingir um público mais amplo? Qual seria a participação dos familiares das vítimas e dos sobreviventes neste processo de definições? Como traduzir a tragédia em uma oportunidade de produzir consciência a respeito do valor da vida? Como poderiam ser aproveitadas as experiências prévias de patrimonialização do sofrimento desenvolvidas em outros países?⁶⁷

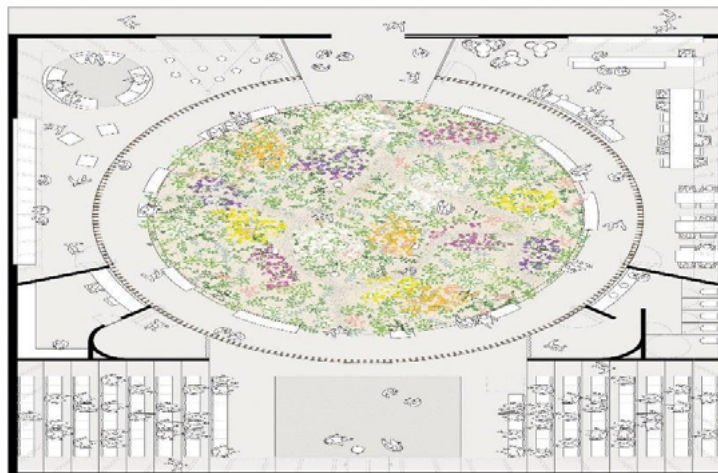
As ações desenvolvidas ao longo do projeto visam dar resposta a esse conjunto amplo de desafios, descritos a seguir:

OS ESPAÇOS: SUAS FUNCIONALIDADES

A partir do plano arquitetônico desenvolvido por Felipe Zene Mota, a equipe do projeto se dedicou ao planejamento dos usos dos espaços e ao desenvolvimento das propostas vinculadas a eles. A maior parte da superfície será ocupada por um jardim central. A superfície coberta é de 450 m², como se observa no plano (Figura 2):

⁶⁷ Vale a pena clarificar a confusão que existe sobre o termo memorial. No uso cotidiano, às vezes tende-se a equiparar memorial com o espaço arquitetônico. O espaço arquitetônico é fundamental ao ponto que existe uma disciplina dentro do urbanismo voltada para a reflexão e produção de espaços memoriais. Porém, um memorial não é apenas o espaço físico, mas o conjunto de ações pedagógicas, culturais, museológicas e políticas levadas à frente ao longo do tempo dentro desse espaço físico.

FIGURA 2 – PLANEJAMENTO DOS USOS DOS ESPAÇOS



FONTE: DIVULGAÇÃO/IAB RS (2018).

Nesse espaço, foram distribuídas as salas das exposições permanentes e temporárias, a estrutura administrativa de gestão do memorial, a área de reserva técnica, o centro de documentação, o espaço de usos múltiplos, um espaço de convivência, os banheiros e o espaço de almoxarifado.

AS EXPECTATIVAS: ESTRATÉGIAS COLABORATIVAS

Ainda que a criação do memorial seja uma condição necessária para a preservação da memória em longo prazo, os memoriais *per se* não garantem que essa memória perdure no sentimento das pessoas da comunidade. Se eles não têm significação para a vida da comunidade onde se inserem, se não engajar a comunidade toda, são esvaziados de sentido e acabam sendo abandonados, podendo – paradoxalmente – se tornar lugares de esquecimento. A condição para a memória fazer seu trabalho é que o memorial seja um lugar significativo para toda a comunidade, tanto para os familiares das vítimas e os sobreviventes, quanto para as futuras gerações. Em uma perspectiva ampla, esses sítios devem apresentar significativa importância para o presente e o futuro da comunidade local, mas também da humanidade como um todo (UNESCO, 2003).

Por esse motivo, uma das primeiras tarefas que a equipe do projeto assumiu foi conhecer as expectativas em torno do futuro memorial de maneira a poder elaborar uma narrativa que apresente os fatos da tragédia que seja próxima dos sentimentos das famílias das vítimas como da comunidade mais ampla. Precisávamos dessas informações para poder transformar as expectativas em uma missão para o memorial, em uma narrativa e em diversas estratégias expográficas.

No entendimento da equipe do projeto, a interação com as famílias, os sobreviventes e a comunidade como um todo é uma das pedras fundadoras já que oferece estrutura e em-

basamento ao projeto. Com esse intuito abrimos o projeto para que ele contemplasse esses anseios e expectativas, abarcando distintas estratégias colaborativas: oficinas de trabalho junto aos familiares das vítimas, elaboração de um questionário anônimo para os familiares e realização de uma roda de conversa para que os familiares de vítimas pudessem dialogar com especialistas em memória e patrimônio.

Para conhecer as expectativas da comunidade não diretamente envolvida na tragédia, aplicamos um questionário online anônimo e um outro questionário anônimo e presencial que foi ministrado entre estudantes de diversos cursos da UFSM. Esses questionários permitiram conhecer variáveis importantes a serem consideradas no desenho das estratégias museográficas. Os resultados de todas essas atividades foram utilizados como subsídio no desenho das bases conceituais do memorial.

O questionário online e anônimo foi lançado no aniversário do 27 de janeiro de 2019 durante os atos de homenagem às vítimas que tiveram lugar na praça Saldanha Marinho no centro da cidade.

FIGURA 3 – APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO PROJETO. VIRGÍNIA VECCHIOLI (2019)



FONTE: ACERVO PESSOAL.

Ao longo de três meses foram coletadas mais de 300 respostas (313). Entre os dados coletados, destacam-se: 1) interesse em visitar o memorial e participar de atividades: a maioria das pessoas tem interesse pelo memorial e visitaria mais de uma vez, totalizando um 40,3% de interesse em visitar e, desse total, um 57,2% também tem interesse em participar de atividades propostas pelo memorial. Uma minoria de pessoas se pronunciou a favor de não visitar o memorial (2,6%) por motivos como não poder lidar com o luto, motivos religiosos ou distância física com a cidade; 2) frequência de visitação: 48,5% afirmou que visitaria mais de uma vez por ano, 13,4% afirmou que visitaria uma vez ao ano, 14,4% afirmou que iria uma vez para conhecer e 18,7% não souberam responder; 3) conteúdos: para a maioria das pessoas, a tragédia deve ser lembrada através dos nomes das vítimas (prioridade alta, 246 respostas, equivalentes a 78,5%), seguido das lutas dos pais após a tragédia (prioridade alta 212 equivalente a 67,7%) e das imagens dos jovens (prioridade alta 191, equivalente a 61%). Esses três itens são os que têm maior representatividade. As pessoas almejam como expectativa encontrar objetos que pertenciam às vítimas (28%). Se

existe consenso sobre esses pontos, isso muda em relação aos responsáveis pela tragédia: enquanto 37% das respostas apontam a importância de ter referências a eles, 30% das pessoas não concordam com essa proposta; 4) público alvo: os familiares das vítimas e sobreviventes (69% das respostas); os estudantes de Ensino Médio e Ensino Superior (60%); os trabalhadores responsáveis por áreas de segurança e saúde (57%); turistas que visitam Santa Maria (48,5%) e vizinhos de Santa Maria (45,4%).

GRÁFICO 1 – MISSÃO DO MEMORIAL SEGUNDO RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO (2019)

Um instrumento de homenagem às vítimas, incluindo os sobreviventes.	Um espaço pedagógico que ensine às pessoas a importância de preservar a vida.	Um instrumento explicativo da tragédia.	Um espaço para sinalizar os responsáveis.
---	---	---	---

FONTE: AUTORAS.

Esses resultados, expressados na tabela acima, concordam em um todo com a principal manifestação dos familiares no sentido de evitar uma narrativa centrada na morte: “É doloroso ver imagens da tragédia, era bom evitar essa sensação de morte, tragédia, desestrutura os pais”⁶⁸. Quanto à definição da missão do futuro espaço de memória, a maioria o vê enquanto “um instrumento de homenagem às vítimas, incluindo as sobreviventes”. Grande parte entende que seria também “um espaço pedagógico que ensina às pessoas a importância das ações de preservação da vida” e “um instrumento explicativo sobre a tragédia.” Como foi salientado acima, o maior grau de discordância foi observado quando questionados se o espaço seria também “um espaço que permita sinalizar os responsáveis da tragédia e puni-los publicamente” (Questionário, 2019).

A partir dos dados dos questionários anônimos aplicados à comunidade em 2019, criamos um espaço de interação entre a equipe do projeto, a AVTSM e os parceiros internos e externos, com o objetivo de discutir esses resultados visando às possíveis estratégias para as exposições do memorial. Por meio dessa análise, criamos uma base de dados que nos permite compreender melhor de que forma a comunidade espera que a tragédia seja narrada no espaço público, qual seria a missão do memorial, e as possibilidades de contar com o auxílio da comunidade na construção da proposta.

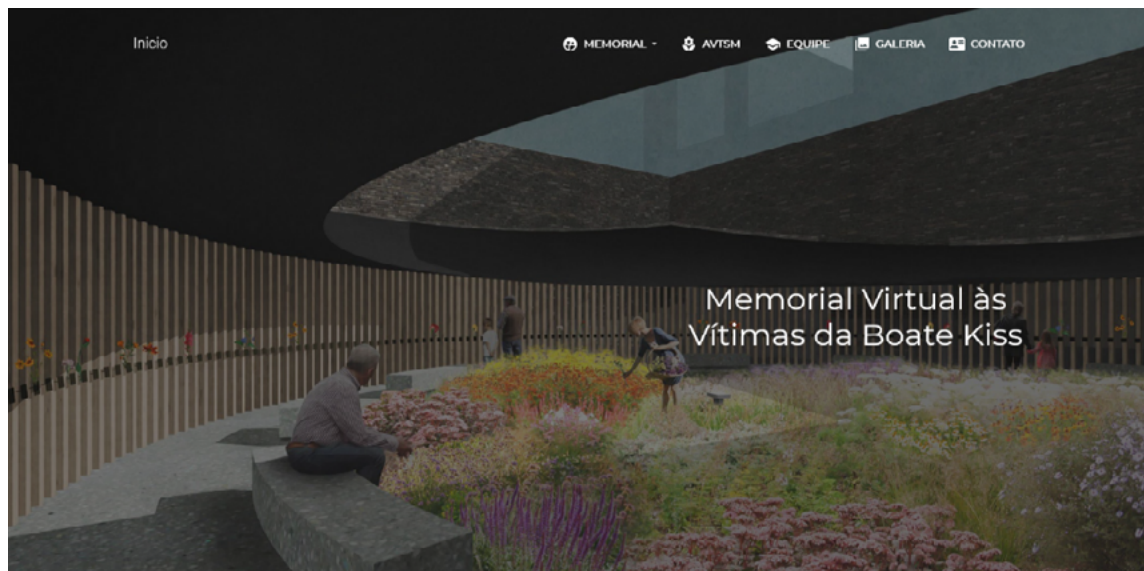
O DIÁLOGO: ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO

Desde o início se desenvolveram propostas para criar e manter ativo o vínculo entre o projeto e a comunidade. Com esse objetivo, foram implementadas estratégias de comunicação com a participação da imprensa local e estadual, no *Facebook*, *Instagram*, etc. Foi

68 Familiar 5. Fala produzida no contexto do projeto, em 2019.

criado especialmente um *site* para dar visibilidade à iniciativa⁶⁹, que foi apresentado ao público no evento de aniversário dos seis anos da tragédia, em 27 de janeiro de 2019. Ele possui uma galeria de fotos, informações sobre a tragédia e sobre a AVTSM, assim como um *link* de novidades e notícias do projeto. O *site* permite difundir e comunicar à população sobre a importância do memorial e criar vias para que as pessoas possam fazer sugestões, comentários e críticas, sempre com o intuito de conseguir que a sociedade se aproprie do projeto.

FIGURA 4 – SITE DO MEMORIAL (2019)



FONTE: ACERVO PESSOAL.

A EQUIPE: A PARTICIPAÇÃO DOS FAMILIARES

Foi criada uma comissão de familiares para garantir a participação e o envolvimento dos integrantes da AVTSM. No início era composta por quatro pessoas, mas foi ampliada depois para acolher um número maior de familiares.

A EQUIPE: A REDE DE APOIO TÉCNICO

A iniciativa do memorial foi inscrita dentro de uma rede de apoio técnico criada especialmente para a AVTSM. Ela se compõe de pesquisadores e gestores de espaços de memória que se disponibilizaram a prestar assessoria em todas as questões vinculadas ao desenvolvimento do projeto museográfico, aos usos dos espaços e das ferramentas de gestão do futuro memorial.

⁶⁹ Disponível em: <https://memorialkiss.org/>. Também foi disponibilizado um e-mail para contato memorialkissconsultas@gmail.com

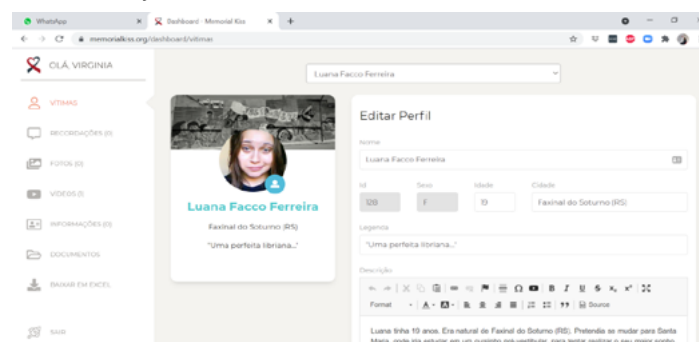
O MEMORIAL VIRTUAL: ATRAVESSANDO FRONTEIRAS

Ainda que cientes da importância do memorial físico, criamos também um memorial virtual. Hoje em dia, as tecnologias digitais permitem desenvolver estratégias inéditas que permitem transcender as fronteiras da cidade e conseguir atingir um público maior, para que a tragédia seja conhecida em detalhe no âmbito nacional e internacional. Essas tecnologias permitem aos interessados participar do trabalho da memória, como por exemplo, aqueles familiares que se encontram residindo longe de Santa Maria. Ao mesmo tempo, o memorial virtual contribui para reforçar a memória, ao reunir em um único espaço as biografias das vítimas e uma infinidade de lembranças que estão espalhadas pela cidade entre as recordações das famílias, amigos e vizinhos. O memorial virtual se torna, assim, uma ferramenta chave de consolidação da memória coletiva:

A minha expectativa é que a gente receba coisas assim, fotos até mais assim, como a minha filha que trabalhou aqui na universidade, poder manter contato com os colegas. Daqui a pouco tem fotos maravilhosas de momentos bons que eu nem sei que ela viveu. Eu acho que aquilo vai me fazer bem, pra nossa família ver que enquanto ela esteve aqui ela socializou, ela teve momentos felizes, ela foi participativa, ela foi feliz... pra mim esse memorial é o mais importante, acho que vai permitir reviver momentos como esses⁷⁰.

Para alimentar as histórias de vida, foi realizado um levantamento de seus dados em todas as matérias aparecidas no *Diário de Santa Maria* e no jornal *A Razão* entre 2013 e 2019. Os familiares foram convocados a participar e realizamos oficinas para explicar o funcionamento da ferramenta. No *site*, foram criadas distintas “abas” para compartilhar detalhes das vidas pessoais, como recordações em forma de textos, fotografias, vídeos, documentos e outras informações. O memorial oferece a possibilidade de inserir vídeos ou áudios, assim como outros conteúdos no *link*: “Ajude-nos a melhorarmos a descrição da Luana, enviando informações como...”. A seguir, apresenta-se um detalhe dos conteúdos que podem ser compartilhados no memorial virtual através da aba: “Faça uma contribuição para o perfil de Luana”.

FIGURA 5 – ABA DE LEMBRANÇA DE LUANA FERREIRA – VÍTIMA DA BOATE KISS (2019)



FONTE: ACERVO PESSOAL.

70 Familiar 3. Fala produzida no contexto do projeto (2019).

Através do memorial virtual, os visitantes que percorrerem a “galeria de lembranças” podem conhecer as histórias das vítimas, e os familiares, amigos ou conhecidos podem compartilhar detalhes sobre a vida delas, a exemplo: qual era sua música favorita? Como se conheceram?

FIGURA 6 – ABA DE LEMBRANÇA DE ANDRIELLE SILVA – VÍTIMA DA BOATE KISS (2019)



FONTE: ACERVO PESSOAL.

No futuro, esse esforço vai poder ser integrado ao memorial físico. Os visitantes poderão ter acesso às biografias no espaço virtual através de *Quick Response Code (QR code)* quando percorrerem o memorial da Rua das Andradas.

O MEMORIAL: A EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

Levando em conta que existe uma ampla experiência internacional que pode ser utilizada como inspiração na criação do repertório de ações em prol da memória, foram realizados dois encontros internacionais, um intitulado *Produzindo memória em Santa Maria: A tragédia da Boate Kiss na UFSM* e o outro no *9º Simpósio Internacional Memória e Patrimônio*, organizado na UFPEL. Essas atividades foram propostas como espaço de interlocução sobre as características que terá o futuro memorial com base em experiências internacionais. Tratou-se de uma experiência inédita para Santa Maria e para Pelotas, já que reuniu familiares e sobreviventes da tragédia com renomados especialistas nacionais e internacionais e com gestores de ambas as universidades, interagindo e debatendo sobre o futuro memorial⁷¹.

⁷¹ As contribuições dos especialistas que participaram do evento na UFSM se encontram disponíveis no seguinte link: <https://farol.ufsm.br/transmissao/transmissao-do-evento-produzindo-memoria-em-santa-maria-a-tragedia-da-boate-kiss>

FIGURA 7 – 9.º SIMPÓSIO INTERNACIONAL MEMÓRIA E PATRIMÔNIO ORGANIZADO NA UFPEL (2019)



FONTE: ACERVO PESSOAL.

Acompanhando o encontro na UFPEL, foi realizada também a mostra fotográfica *Um massacre anunciado*, com fotografias do interior da boate de Dartanhan Baldez Figueiredo. No marco do evento, foi formalizada a parceria entre a AVTSM e a UFSM a partir da assinatura de um acordo de cooperação.

FIGURA 8 – ASSINATURA DO ACORDO DE COOPERAÇÃO ENTRE AVTSM E UFSM. NA FOTO O VICE-REITOR LUCIANO SCHUCH E FLÁVIO DA SILVA, PRESIDENTE DA AVTSM (2019)



FONTE: ACERVO PESSOAL.

OS ARQUIVOS: UM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

Foram dados os primeiros passos para criar um centro de referência sobre a tragédia no futuro memorial, que sirva para pesquisadores e visitantes. Começou-se a fazer um levantamento do acervo documental existente (materiais fotográficos e filmicos, arquivos parodísticos, hospitalares, de associações, da administração do Estado ao nível local e estadual, matérias judiciais, da própria AVTSM, dos familiares, dissertações e teses, etc.) disponível sobre a tragédia. Com o propósito de ter um diagnóstico inicial a respeito desses acervos, foram realizadas entrevistas com pessoas da comunidade. Foi desenhada uma ficha que possibilite objetivar esses documentos. Trabalhou-se também no modelo de termo de outorga do material, nas possibilidades de digitalização dos materiais e dos critérios de acesso público e restrição dos documentos. Da mesma forma que o Memorial Virtual trata-se de uma área que pode ser desenvolvida em grande parte sem necessidade de ter o espaço arquitetônico construído, esse levantamento vai permitir identificar a necessidade de produzir novos registros e materiais, assim como servir de subsídio para as futuras tarefas do projeto, como a definição das exposições temporárias (exemplo: entrevistas a familiares de vítimas e sobreviventes, pertences das vítimas, etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das várias atividades aqui descritas foi possível desenvolver uma série de iniciativas que resultaram de importância crítica na hora de produzir recomendações para o futuro memorial às vítimas da tragédia de Santa Maria. Trata-se de um esforço coletivo que priorizou as demandas da sociedade civil, possibilitando a realização de uma ação de transferência de conhecimento para a sociedade como um todo, contribuindo para a produção de conhecimentos de impacto direto na sociedade.

Essas recomendações foram apresentadas a todos os colaboradores no contexto de uma oficina de trabalho realizada pela equipe do projeto junto à AVTSM em novembro de 2019. O relatório do projeto foi disponibilizado para a AVTSM, contendo vários documentos técnicos, finalmente integrados nas bases prático-conceituais para a criação do Memorial dedicado às Vítimas da Tragédia de Santa Maria.

Do ponto de vista da UFSM, o projeto também funcionou como um espaço de formação de recursos humanos, pois os estudantes receberam bolsas do Fundo de Incentivo de Extensão (FIEEX) e do ODH da UFSM, participaram de palestras e de eventos acadêmicos internacionais e regionais, como a JAI, ao apresentarem alguns dos resultados do projeto.

Finalizado o projeto, ainda continuamos trabalhando e colaborando junto aos pais, aos familiares, aos sobreviventes e à comunidade mais ampla na promoção do memorial às vítimas a fim de traduzir as expectativas e os anseios em uma narrativa que seja capaz de contar a tragédia e todos seus desdobramentos. Os resultados apresentados aqui são um primeiro e importante passo nesse caminho.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, R. “**Mémoire collective et sociologie du bricolage**”. *L’Année sociologique*. 1970. p. 65-108.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Memória e Sociedade. Tradução de Fernando Tomaz. Ed. DIFEL. 1989.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Ed. Guanabara koogan. Rio de Janeiro. 1988.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Edições vértice. Editora revista dos tribunais ltda. São Paulo. 1990.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. Nº 10. 1993.

POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 2, n. 3, 1989.

SCHMITZ, M. E. Produção do Espaço e Memória Coletiva na cidade de Santa Rosa/RS. *In: Memória Coletiva: entre lugares, conflitos e virtualidade*. Porto Alegre/Pelotas. 2021.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Portal IPHAN. Paris. 2003.

VECCHIOLI, V. “La monumentalización de la ciudad: los sitios de memoria como espacios de intervención experta de los hacedores de ciudad”. *In: Revista Estudios Sociales Contemporáneos*, n. 10. Editorial Universidad Nacional de Cuyo. FFyL. ISSN: 1850-6747. 2014. p. 33-44.

VECCHIOLI, V. “Usos del documental interactivo y las tecnologías transmedia en la recreación de los centros clandestinos de detención de la dictadura argentina”. *In: Antípoda - Revista de Antropología y Arqueología*. Universidad de los Andes. Colombia. 33. 2018. p. 79-100.

VECCHIOLI, V. “Políticas de la Memoria y Formas de Clasificación Social. ¿Quiénes son las ‘Víctimas del Terrorismo de Estado’ en la Argentina?”. *In: GROPPPO, B.; FLIER, P. (comp). La Imposibilidad del Olvido*. Recorridos de la Memoria en Argentina, Chile y Uruguay. Ed. Al Margen. Argentina. La Plata. 2001.